

Vagarosa Luminescência Voadora

Uma presença vibrante de cores e formas emerge como um conjunto de células iluminadas — uma emanção visível, enraizada na paisagem tropical e atravessada pela abstração, a obra de Luiz Zerbini reflete o mundo natural com entrelaçamentos da memória e da história do sul global. Suas pinturas e instalações abrem portais simbólicos — onde não há separação entre natureza e cultura. Embora ancorada em um contexto brasileiro específico, a obra de Zerbini ressoa amplamente, dialogando com paisagens, ritmos e sensibilidades que nos conectam com o Atlântico, as matas, o cerrado e o sertão de forma íntima e interpessoal.

Há um tipo de luz que não cega, dança no escuro, paira em silêncio. É com essa luz que Zerbini desenha os contornos de sua nova exposição, *Vagarosa Luminescência Voadora*. Inspirado em dois elementos da natureza – vemos nessa série de pinturas e esculturas a resistência tênue dos vagalumes, e a arquitetura resiliente dos cupinzeiros – Zerbini propõe uma travessia visual entre o micro e o imenso.

Como em um inventário afetivo e botânico dos trópicos, o artista se volta mais uma vez para a paisagem — não como cenário idílico, mas como corpo vivo, habitado, tensionado por histórias visíveis e invisíveis. A floresta, os campos, as margens dos rios, os vestígios urbanos e os restos do que chamamos de civilização são traduzidos em esculturas e telas de grande dimensão, com padronagens geométricas e gestos orgânicos.

O interesse do artista em coletar imagens cotidianas de elementos da natureza atravessa toda a sua prática, funcionando como um arquivo sensível. Nesse processo, uma imagem de cupinzeiros com larvas em estado de bioluminescência no cerrado serviu como um disparador visual. Essa cena rara inspira a associação entre os cupinzeiros e os vagalumes na exposição.

Zerbini convoca os vagalumes em suas pinturas e instalações como sinalizadores de outro tempo, um tempo vagaroso, fora da urgência da produtividade, onde a luz é discreta e o olhar precisa ser reaprendido. Ver exige silêncio. Várias espécies de vagalumes estão em declínio e algumas já estão em risco de extinção, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, do campo, por causa da poluição da água. Os vaga-lumes são machos e fêmeas, que se iluminam por meio de reações químicas no corpo, para chamar e para se reproduzir.

Nas suas telas, essas luzes caminham junto a outras presenças: os cupinzeiros, estruturas arquitetônicas orgânicas que surgem após a devastação e o desmatamento, como ruínas vivas. Em áreas de pecuária extensiva e monocultura, o solo sofre compactação e perda de biodiversidade, mas os cupins conseguem sobreviver, adaptando-

se à nova paisagem por anos ou décadas. Como são feitos de uma mistura de terra, saliva e fezes, e precisam de boa insolação, os cupinzeiros se tornam muito resistentes à erosão e ao tempo.

Aqui, são monumentos do efêmero, construções de memória e sobrevivência. Em diálogo com a ideia de ruína e com a força daquilo que escapa à domesticação, os cupinzeiros se erguem como sinais de persistência — matéria que destrói, mas também reorganiza o espaço, criando novos fluxos e formas de habitar.

Zerbini entrelaça esses elementos com uma série de temas recorrentes em sua obra: a busca por lapsos de memória, o movimento da água, os detalhes arquitetônicos, as geometrias, as plantas, padronagens e as texturas e sombras sobrepostas. A luz — esse elemento central da pintura e presente na obra de Zerbini de muitas formas — aparece como material pictórico e como ideia: não é iluminação total, mas visibilidade em fragmentos, lampejos que surgem do fundo escuro da tela como quem emerge do silêncio.

As obras se equilibram entre figuração e abstração, borrando as fronteiras entre natureza e artifício. Se desfazendo do conceito de uma paisagem distante e se aproximando de uma memória coletiva reencantada. São pinturas que contêm esculturas, e esculturas que se dobras à pintura — como nas *pedras* que Zerbini pinta em formatos tridimensionais. Tudo parece coletado de um mundo conhecido, feito de paisagens que guardamos na memória, dos pastos, praias e matas que nos constituem, mas que muitas vezes nem percebemos.

Vagarosa Luminescência Voadora é uma ode ao que pulsa sob a superfície da terra, germinantes, aos instantes que piscam na escuridão e nos convocam à atenção. Somos convidados a nos conectar com cada ser, cada vida, cada entidade, cada folha, cada ancião. Ao retornarmos à terra nos lembramos da fragilidade dos nossos corpos e da força da terra imediatamente abaixo de nossos pés. Como escreveu Antonio Bispo dos Santos em *A terra dá, a terra quer* “Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade.”¹ Zerbini, nos devolve a memória do que sempre esteve ali.

Nesse entrelaçamento de formas vivas e apagamentos iminentes, a exposição propõe também uma reflexão urgente sobre o desaparecimento silencioso das coisas — de espécies, de conhecimentos, de modos de vida. Ao mesmo tempo frágeis e resilientes, vagalumes e cupinzeiros tornam-se metáforas complementares: o primeiro como presença

¹ SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: UBU; Belo Horizonte: Piseagrama, 2021.

ameaçada pelos nossos modos de produzir, o segundo como ruína que persiste diante do desaparecimento. Ambos convocam a urgência de elaborarmos outra lógica de existência — o tempo do escuro fértil, da escuta lenta, da regeneração.

Devolvemos a atenção àquilo que pulsa no breu, que se ergue da terra em silêncio. A bioluminescência do vagalume e a arquitetura do cupinzeiro são, assim, manifestações daquilo que insiste em viver, da circularidade. E é nesse lampejo — lento, modesto, mas inegável — que talvez resida nossa última chance de reaprender a ver.

Catarina Duncan

Outubro, 2025